

Lembranças que te deixei

Lembranças que te deixei

por Purificação Quimbote

Romance





A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Copyright © 2012, Purificação Quimbote
Todos os direitos são reservados no Brasil

PoD Editora
Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Diagramação:
Control C – Impressos sob Demanda

Revisão:
Marcos Antonio Coelho

Impressão e Acabamento:
Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

06.12

Quimbote, Purificação

Lembranças que te deixei / Purificação Quimbote. - Rio de Janeiro: PoD, 2012.
258p.

ISBN 978-85-8225-008-2

1. Quimbote, Purificação. 2. Romance. 3. Lembranças que te deixei (RJ). I. Título.

10-1018.

CDD: 983.211

CDU: 989:561

8.06.12

16.06.12

015590

Dedico este livro a todos os que fizeram e fazem parte desta ainda jovem existência. Em especial aos queridos F&F (family & friends), à sempre presente família biológica e à indispensável família de coração.

A minha inspiração é uma fonte de estrondosa satisfação pessoal e é essencial à minha permanência. Os meus temas emanam de um lugar de absoluta fantasia e cor, para onde me transporto com júbilo frequentemente. Este livro é, por essa razão, também dedicado a tudo: lugares, pessoas, instantes, pedaços da natureza, manifestações artísticas diversas que contribuem para que me ‘eleve’ a tal estado.

Uma dedicatória especial e sentida à minha Mamã, que me escuta sem reservas e é de facto o meu esteio omnipresente.

“... Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena...”

Fernando Pessoa

Capítulo Um

Francine não queria acreditar no que Claire acabara de dizer.

— Mas... como soubeste? — perguntou notoriamente preocupada.

— Sabes que Duane e John continuaram muito próximos mesmo depois dos tempos de Salford. — Francine sabia. Tinha conhecimento de que não haviam perdido o contacto após os tempos da universidade, tal como ela e Claire. Embora no seu caso a amizade datasse de muito tempo antes. Conheciam-se desde que se entendiam por gente.

Estava muda, como faria agora para esconder o seu segredo, estando Duane de volta a Manchester? Como se esconderiam? Uma coisa seriam se vivessem em Londres, uma cidade grande. Os seus caminhos dificilmente se cruzariam. Mas em Manchester, que é um meio restrito, em que todos se conheciam e principalmente eles que haviam convivido constantemente durante os quase seis anos da sua formação universitária. Nisso pensava Francine, quando Claire a chamava do lado de lá da linha telefónica, já preocupada com a amiga que se silenciara de repente.

— Desculpa Claire! Distraí-me com os meus pensamentos — disse pensando que talvez tivesse chegado a hora da verdade para si — vou desligar, menina. Falamos noutra altura.

— Fran querida, vejo que estás preocupada — ripostou Claire também desolada, nunca concordara com a decisão da amiga.

Porém quem a demoveria, sendo a teimosia em pessoa? E sobretudo porque, para além detse aspecto, era importante considerar também outros sentimentos e motivos bem mais profundos e difíceis de lidar que a simples teimosia. — Mas era minha obrigação dizer-te o quanto antes.

— Fizeste bem... e sabes exactamente quando chega? — perguntou mais calma, mas obviamente ainda muito assustada e chocada com a notícia e perspectiva que se materializava nas palavras da sua amiga, e que se tornaria mais real ainda quando esta determinasse a data. A data em que enfrentaria a verdade. — Em que dia e onde fica hospedado?...

— Bem, pelo que percebi da conversa de John esta manhã, chega no fim desta semana, e... — receou prosseguir. O que se seguia era ainda mais devastador para Francine. Colocaria o seu mundo de patas para o ar.

— E o quê?!... Vá diz-me, Claire!

Conhecia bem aquele tom de voz da amiga. Sentia que o pior estava para vir, se é que haveria pior que saber que Duane estava de volta a Manchester.

— Em princípio, deve ficar cá em casa — confessou, sentido como se lhe desferisse um golpe.

— Oh Deus! — exclamou inquieta. Tal revelação desorientou-a. — E agora, Claire, como farei? Para onde irei?... — ficou mesmo sem palavras. Sentira um choque terrível ao saber que ele chegaria em breve, ao saber que inevitavelmente se veriam, já que ficaria hospedado em casa da sua melhor amiga, e sentiu-se realmente desprovida do chão que pisava. De repente a ameaça da ruína de toda a estabilidade emocional que construíra apresentava-se iminente. Não parecia haver saída. Duane chegaria no fim da semana. *Men Deus!!* Queria gritar de revolta, sentia-se traída pelo destino. Perdida, insegura, sem forças. Como há três anos e meio quando se descobrira grávida e sem ninguém. Grávida e sem Duane, que a abandonara alegando ser incapaz de lidar com a pressão familiar que não a aceitaria, e também com o facto de não terem os mesmos objectivos de vida. Fran sempre mostrara preferência por cidades pequenas, e Manchester agradava-lhe para estabelecer-se e ficar após o curso. Já ele, muito patriota, sem-

pre dissera que não se estava a formar para elaborar projectos e prestar serviços em terra alheia, se tinha que dar um contributo que fosse à sua terra natal. Fran julgara sempre que o amor entre os dois seria forte o suficiente para ultrapassar aquele pequeno impasse, como lhe costumava chamar. Mas não fora, em Agosto de há quase quatro anos antes, quando finalizaram o *masters*, Duane rompera a relação alegando não ser realista nem saudável para nenhum dos dois seguir enganando-se quando no fundo sabiam que no futuro não seriam compatíveis, acabando por vir a odiar-se.

— Fran, o melhor é ficarmos amigos — rematara irredutível.

Não estivera disposto a sequer tentar superar as diferenças e incompatibilidades de que era feita a sua relação. O seu amor não fora suficiente. Sentira-se tão desfeita ou mais que no presente. Todavia agora era pior do que quando decidira levar a gravidez adiante, e a ecografia mostrara, em vez de um coraçãozinho, dois a bater dentro do seu já “suspeito” ventre apenas aos quatro meses.

— Fran, queres que vá ficar contigo? — Claire estava a ficar cada vez mais preocupada pela amiga. Sabia que não era fácil para ela. Julgara-a sempre muito forte para educar Daniel e Raphaela, porém soubera sempre como Duane era o seu ponto fraco.

— Querida, vou desligar, depois falamos — precisava de ficar sozinha, era preciso pensar, decidir o que fazer. — A sério que fico bem.

— Se precisares, liga-me, prometes? Vá, promete! — insistiu a amiga.

— Prometo, agora tenho mesmo que ir. Obrigado, menina. — E desligou sem mais delongas. Tinha que verter aquelas lágrimas de frustração, de revolta para com o destino que lhe virara as costas no passado. E que lhe voltava agora diante do que sempre temera, do que preferia nem cogitar. Do que fugira com sucesso nos últimos quase quatro anos. Da verdade. Mas tinha que continuar a fuga, tinha que encontrar um modo de se esconder mais uma vez. Tinha a obrigação de enfrentar os factos encontrando um modo de fugir mais uma vez à verdade.

Dez anos antes, Salford, uma pequena cidade situada nos arredores de Grande Manchester, no norte de Inglaterra, era tam-

bém onde se localizava a universidade com a mesma designação. Palco de inúmeras aventuras e façanhas por parte dos milhares de estudantes vindos de toda a parte do mundo, como é comum por aquelas paragens tão cosmopolitas. Estudantes esses que durante os anos da sua formação académica seriam assim os protagonistas dos muitos feitos de que tanto se orgulhavam os habitantes da região, que não sendo muito extensa, uma densidade populacional considerável.

Estudantes como Francine Memphis Okeke, na época com dezoito anos, jovem alegre, inteligente e detentora de uma beleza que tinha tanto de rara como de especial talvez por essa razão. Filha de pai zimbabueano, o reverendo Joseph Okeke, figura alta e imponente, era um africano bondoso e de temperamento forte que cedo imigrara e se estabelecera com sucesso no Reino Unido, no País de Gales, onde se apaixonara pela mãe de Francine, que, apesar de galesa, era filha de mãe grega e pai britânico. Rosemarie Kouriopolis Memphis era por isso de pele morena como os naturais do sul de Europa. A sua mãe fazia parte da primeira vaga de imigrantes gregos para o Reino Unido, daí que Rosemarie tenha nascido já da união desta a um britânico do País de Gales. Sendo Francine, Fran para os mais íntimos, uma bela jovem mestiça, com um tom de pele invulgar, mais escuro, quase da cor do ébano, os cabelos eram igualmente muito pretos e longos chegando-lhe à altura das costas tal como os da mãe, enfeitando uma face de traços irregulares mas harmoniosos. Grandes olhos castanhos amendoados e um olhar meloso também, o nariz era genuinamente africano ligeiramente arredondado e como tudo em si parecia desenhado dando lugar a uns lábios cheios e igualmente parecendo desenhados, era frequentemente abordada quanto as suas origens dada a raridade das suas características físicas. Estava na altura a desenvolver-se para uma figura esguia e esbelta, de curvas suaves numa estatura que já indicava que seria alta, tal como o pai. Chamava deste modo a atenção do meio masculino fosse para onde fosse.

Cedo os seus pais se aperceberam que seria assim, e sendo um reverendo conservador e a mãe, seguidora dos mesmos princípios tendo experimentado os mesmos sinais na sua adolescên-

cia, já que fora e mantinha uma beleza exótica ela mesma, e também porque recebera uma educação rígida nos colégios em que fora internada desde muito cedo, pelo pai austero e conservador. Francine recebera assim uma educação que, apesar de adequada aos novos tempos, estaria dentro dos melhores e mais rígidos princípios de decência, moral e noção de responsabilidade. Fran, apesar de alegre, simpática e brilhante nos estudos, tinha plena consciência das suas obrigações e princípios.

Ao chegar a Salford onde fora admitida para seguir os estudos superiores, na área de advocacia, que sempre fora sua vocação, Fran mantinha então tais convicções. Comunicativa, de fácil trato, era igualmente leal para com os seus. A típica boa samaritana, amigos não lhe faltavam e despertava sentimentos em todos com que se relacionasse. Claire Mcawley, filha de um amigo da família de origem zambiana, era a sua melhor amiga, e devido à proximidade das famílias cresceram juntas e haviam sido sempre boas amigas e confidentes de todas as horas. Seguiram os mesmos caminhos, frequentando os mesmos colégios, não tendo sido Salford uma excepção. Era uma novidade para elas estar naquela cidade e pela primeira vez completamente por sua conta. O entusiasmo era incontável, “livres” da tutela parental, poderiam fazer o que quisessem, sem dar satisfações a quem quer que fosse. E os pais nada recebavam, além da preocupação inicial. Ambas as famílias confiavam na educação e princípios morais que lhes haviam incutido desde muito cedo.

Quanto aos estudos, não havia razões para se preocuparem. Tinham ambas uma ambição saudável quanto aos objectivos profissionais. Francine, com a sua eterna tendência para as leis, tivera sempre colecções inteiras de policiais, possuía uma indiscutível e sagaz capacidade de persuasão numa personalidade sem dúvida muito forte. Viria a especializar-se em advocacia comercial já que se interessava muito pelas actualidades do mundo económico. Já Claire, sendo mais delicada e sensível, cedo mostrara vontade de seguir medicina e era exactamente o que estudava em Salford.

Durante os primeiros tempos em Manchester, dedicaram-se a conhecer a cidade. Eufóricas, descobriram bares, discotecas, restaurantes e muitos outros locais de divertimento porque a ci-

dade se tornara famosa, e de pronto fizeram desta o seu novo lar. Para além de Salford, Manchester albergava mais três outras universidades, daí que no total a cidade anualmente habitava aproximadamente sessenta mil estudantes. Manchester situa-se no centro-norte do Reino Unido, daí que o clima fosse bastante frio durante o inverno todo, chegando mesmo a nevar por alturas do Natal, sem que no verão as temperaturas chegassem a considerar-se verdadeiramente agradáveis. Porém este não era um motivo para afastar os estudantes, e sendo o Reino Unido um território amplamente cosmopolita, estes vinham dos mais variados pontos do mundo, desde a imensa comunidade grega, italianos, portugueses, destacando-se igualmente os árabes e asiáticos, aos africanos principalmente oriundos de países outrora colonizados pelos britânicos.

Não era assim uma surpresa que Fran e Claire, também elas de origens diferentes, se sentissem maravilhadas com tanta diversidade e aparentes novidades para descobrir.

Rapidamente se adaptaram, tendo sempre em mente o seu objectivo principal, a graduação académica. Viviam numa acomodação de estudantes que pertencia ao extenso *campus* da universidade. O que facilitava a adaptação à nova vida, tornando-a mais fácil e divertida, contando assim com uma grande adesão.

Estavam assim no primeiro ano, e nada lhes passava ao lado. Professores particularmente cómicos, colegas bem-parecidos, e tudo e tudo que lhes parecesse novo e chamasse a atenção dos seus espíritos jovens e flutuantes. Claire tinha uma carga horária ligeiramente mais ocupada do que Fran, daí que passado algum tempo e depois de organizados os seus estudos esta passou a assistir às últimas aulas da amiga, para no fim caminharem juntas para casa. Foi assim que conheceu Duane Alfredini. Estudante de medicina tal como Claire e com John Gordon, seu amigo, faziam um grupo simpático. Fran e Claire tornaram-se também muito amigas das suas colegas de quarto. Joan Garcia era chilena e dona de uma beleza tão exótica quanto bizarra, pele morena numa figura não muito alta e curvilínea bem ao estilo latino-americano, contrastando com uns olhos verde-acastanhados e cabelos ruivos. Revelava uma personalidade tão controversa e instável como

as suas características físicas, mas era uma boa amiga. Já Victória Chan, asiática pura, era mais o tipo calmo, voz doce entoando o seu inglês correcto, mas com uma pronúncia inegavelmente oriental, muito organizada, tanto que chegava por vezes a enlouquecê-las a todas com as suas manias de arrumação, o que em nada se parecia com o que se dizia das pessoas da sua comunidade. Alta e magra, recebia por isso imensos convites para se tornar modelo profissional. Ao que ela declinava, devotadíssima ao seu curso de gestão e consultoria financeira do qual era aluna exemplar. Davam-se bem, eram companheiras mesmo entendendo-se e desentendendo-se com a frequência normal de jovens na sua idade. Os pais de Fran estavam sempre satisfeitos quando estas se descolassem a Londres nas férias contando as suas façanhas em Salford.

Duane e John, apesar de passarem muito tempo com elas, estavam já no segundo ano. Com o avançar do tempo, Claire e John mal conseguiam esconder uma imensa empatia e atracção já muito óbvia para todos. John emprestava-lhe os seus apontamentos e material do primeiro ano e na época de exames estudavam todos juntos. Duane era o típico galã da universidade, moreno que fazia de imediato deduzir as suas origens mediterrâneas. Vivia com os pais em Roma, embora fossem naturais da Sicília. Era cerca de um metro e noventa de beleza estonteante, um físico musculado e forte de quem praticava desporto, tal como John, tão alto quanto ele, faziam parte da selecção de basquete da universidade. Possuía um rosto de feições marcantes, desde os olhos rasgados azuis muito escuros, acentuados se se emocionasse, a um nariz afilado, dando lugar a uns lábios carnudos e sensuais, e uma cabeleira negra e farta, que usava pela altura dos ombros. Exalava sensualidade e charme por todos os poros e era rara a menina que o resistisse.

Os amores foram-se fazendo sentir entre eles. O tão óbvio e mútuo interesse de Claire e John culminou inevitavelmente em um são e feliz romance. Entendiam-se bem e eram muito iguais, o que fazia deles companheiros e amigos antes de mais nada. Ele, que apesar de inglês nativo, era doce e atencioso, o que logo “prende” a também doce e delicada futura doutora Mcawlay.

Ao fim de algum tempo, já os consideravam casados, e embora não o assumissem, no íntimo já o sentiam.

Joan era emocionalmente instável, filha de pais separados, sempre se sentira afectivamente descompensada, mudava assim de namorado conforme a sua disposição e de acordo com quem estivesse disposto a satisfazer os seus caprichos de menina mimada. Por outro lado, Vicky Chan, como de facto era carinhosamente chamada, dedicava-se de tal maneira aos estudos que alegava sempre não ter tempo para tais coisas. Referindo-se timidamente à vida amorosa. Elas suspeitavam de um amor secreto. Mas não a aborreciam, preferindo respeitar a sua privacidade.

O “tormento” era todo reservado ao casal mais popular, Duane e Francine. Popular em tudo, eram brilhantes nos estudos e donos de belezas raras e daí líderes de listas de admiradores aos quais na verdade preferiam nem ligar. Entre eles, partilharam durante algum tempo uma forte relação de amor e ódio, o que parecia mais paixão não assumida. Chocavam e brigavam pelas razões mais ridículas, maldiziam-se mutuamente entre os amigos. Quem os conhecesse, percebia algo bem mais forte e oposto àquele aparente mútuo ódio e aversão que se empenhavam em demonstrar. Até ao dia do beijo. Em que argumentavam acaloradamente sobre um qualquer tema sem grande importância, enfrentando-se de tal maneira que acabaram num frente à frente perigosamente próximo para quem negava uma pequena atracção que fosse, “afinal ele não era nada mau”, diziam as amigas em tom de gozo e em nada fazendo justiça aos verdadeiros atributos de Duane, provocando o efeito esperado em Fran, que ia para o seu quarto contrariada resmungando que se assim era que ficassem elas com ele, que para ela nem que fosse o último homem à face da Terra. E elas divertiam por a espicaçar. E o mesmo acontecia a Duane que costumava comentar com John e os amigos que nem sabia por que a admiravam tanto, nem a considerava realmente bonita:

— Está bem, talvez os olhos e os cabelos... e o corpo também não é mau. Embora já tenha visto melhores... enfim não é o meu tipo e pronto! — rematava incomodado ante o ar divertidamente descrente dos rapazes normalmente à beira de uma crise de riso. Tentavam conter, em respeito aos verdadeiros sentimen-

tos do amigo, que mais os admitia do que os escondia. Afinal não havia por que envergonhar-se do amor.

Todavia nesse dia, tudo ficou claro, avançaram gesticulando um para o outro que acabaram tão próximo que foi impossível evitar que as bocas de tão juntas não se encontrassem num beijo tão desejado e intenso que os deixou aos dois inicialmente em estado de transe e incredulidade. Logo interrompido pela pronta e vibrante reacção da “plateia”, já acostumada aos constantes desentendimentos entre eles, que se encontrava a assistir ali à entrada da biblioteca da universidade. Por entre os assobios, gritos e apitos, podia-se ouvir “até que enfim”, “ai, os pombinhos”, o que os deixou furiosos pela demonstração de fraqueza. Embaraçados e ainda confusos, tentaram negar o “óbvio”, durante um tempo breve, que foram capazes de suportar. Seguindo com “perseguições” e “acusações” sobre quem teria beijado primeiro. Porém o amor e a paixão forte há muito reprimida vinda dos dois jovens corações falaram mais alto, e logo Duane Alfredini, o siciliano mais cobiçado de Salford, e Francine Okeke, igualmente admirada e desejada na universidade, iniciaram uma relação aplaudida por todos os que os conheciam. Era bonito vê-los, davam-se bem, eram companheiros. As discussões continuaram, mas faziam parte do seu amor, acabando sempre em reconciliações repletas de muito amor e paixão que já não se preocupavam em esconder. Pois se Duane era ciumento, para uma alma livre e espontânea como Fran por vezes tornava-se o inferno convencê-lo de que as roupas mais ousadas, os outros rapazes com quem falava e o tempo que dispensava às amigas eram situações normais da vida às quais ele teria que acostumar-se. Por outro lado, ela era igualmente incapaz de “aceitar” que dispensasse tanto tempo aos estudos, embora também fosse muito estudiosa, e aos treinos de basquete.

— Tem paciência, Duane! Seria tolerável se se tratassem dos teus amigos, ou a tua família... — reclamava quando brigavam.

— É tão importante como se assim fosse — era a sua resposta não querendo ceder.

Estes eram os poucos momentos difíceis. No geral estavam de acordo, ambos gostavam de sair e divertir-se com os amigos,

tinham as mesmas ambições profissionais apoiando-se mutuamente nos momentos de menor motivação. Eram felizes, os amigos admiravam, os admiradores apreciavam. Estiveram juntos durante os anos todos da universidade. Foram tempos que Francine não esqueceria, embora o futuro lhe guardasse surpresas bem desagradáveis, ela jamais seria capaz de esquecer aqueles anos em que tudo eram rosas.

— Que rosas filhote?... — Fran estava muito longe dali em pensamento. Sentada a sua secretária no pequeno escritório que mantinha na casa que comprara depois do nascimento dos gémeos. Andava assim desde que falara com Claire há quatro dias, perdia-se constantemente nas suas muitas recordações. — Vou já ver que flores são estas... e o meu beijo. — pediu ansioso pelo toque macio da pele dos seus tesouros que eram literalmente a sua “salvação”, e a quem protegeria com a própria vida. Beijaram ambas as faces da mãe sempre eufóricos, como era normal nos seus três anos e meio. — E Sharon? — não vira ainda a ama deles.

— Foi fazer-te um recado — respondeu muito “senhora” a pequena Raphaella. Nem se recordava de que recado lhe recomendara.

— Por que estás às escuras? — perguntou Daniel intrigado e inocente. Fran apercebeu-se do facto e acendeu o candeeiro da sua mesa levantando-se de imediato dirigindo-se e aos meninos para a cozinha onde teria lugar o momento do dia, o lanche-reunião familiar onde mãe e filhos falavam de como tinha sido o seu dia. Era divertido. — Hora do lanche — anunciou animada. Tinha que forçar-se a abstrair-se daqueles pensamentos, tinha sim que encontrar uma solução.

— Oba! — deliraram os gémeos. — Podemos comer *hamburgers*? — perguntaram também em unísono.

Enquanto preparava o lanche deles, olhou para os pequenos anjinhos. Vinham da casa de banho, entusiasmados e felizes. Sabia que o eram, empenhava-se para que assim fosse e orgulhava-se desse feito. Eram seus e não iria permitir que Duane interferisse. Em Maio completariam quatro anos, Raphaella e Daniel

eram gémeos verdadeiros, a versão masculina e feminina da mesma pessoa. Não passavam um sem o outro e quando tivesse que ser, como quando os colocaram em turmas diferentes na escola, alegando que teriam de adaptar-se a outras crianças, sofriram muito, procurando sempre uma maneira de se voltarem a reunir. Apesar de muito educados, faziam imensas travessuras infantis como era normal na sua tenra idade. Poderia notar-se já que seriam altos, cabelos fartos e negros e enquanto Raphaaella tinha olhos grandes e azuis-escuros como os de Duane, os olhos de Daniel, apesar de rasgados como os do pai, eram da mesma tonalidade dos de Fran, aliás como todos os contornos das suas feições fazendo lembrar que tinham genes africanos da parte do seu avó Joseph. Eram iguais e diferentes ao mesmo tempo, nativos do signo touro eram crianças sobretudo teimosas, quando se lhes pusesse algo na cabeça era o inferno para Fran convencê-los do contrário. Mas para além dessa particular característica, eram meninos doces e obedientes. Só a deixavam encabulada quando muito cedo ao conviverem com David, o pequeno de Claire e John a quem chamavam primo, e depois mais tarde na escola com outras crianças quiseram saber por que não tinham um papá como toda a gente. Fran que nunca quisera preocupar-se com tal facto, preferindo ignorá-lo já que a magoava e não sabia o que dizer-lhes, respondia vagamente.

— O Papá vive muito longe, meus queridos. Mas um dia irão conhecê-lo. — Sabia que era irresponsável. Mas no fundo acreditava vir a ser capaz de contar a verdade aos meninos. Um dia talvez, quando fossem capazes de compreender o que se passara. Não podia enfrentar aquela realidade, ainda era muito cedo. E os gémeos eram dela, e ele deixara-a, não tinha direito a nada.

Pensou que certamente sem eles não teria sido capaz de sobreviver ao abandono, ao vazio da perda, ao fim do amor. Imaginou que, se não os tivesse na sua vida, talvez nem tivesse encontrado inspiração e força para continuar com a carreira profissional, à qual sempre fora tão devota. Daí que se agora teria que o enfrentar novamente, então Duane encontraria uma nova Fran, mais forte, não a jovem apaixonada que se humilhara pedindo-lhe que reconsiderasse e ficasse com ela, mas sim a pessoa que se recuperara

e reencontrara sabendo de onde vinha, e que responsabilidades tinha enquanto mulher e mãe. Não a desorientaria, tinha dois filhos e era a única responsável por eles. Mas se quisesse ser sincera, saberia no íntimo, temia o momento em que o veria.

Fran estava decidida, Duane estava de volta. Mas ela não se deixaria abalar. Agiria o mais naturalmente que pudesse, sem se deixar impressionar, não desta vez. Por orgulho, pelos gémeos, e sobretudo por ela, pela mulher que mesmo não se sentindo tão forte e segura tinha que mostrar-se como tal. No entanto, essa verdade, como outras, só ela conhecia.

— Vamos sentar-nos para que me contem tudo o que se passou na escola hoje — anunciou divertida, na sua indumentária caseira – vestia um longo e folgado vestido confortável e adequado às temperaturas amenas que gozam ali graças ao sistema de aquecimento central da casa. Sentaram-se ambos muito direitos nos seus lugares à mesa colorida e incluída num cenário da cozinha obviamente pensado e destinado aos gémeos Okeke. Aos seus meninos. Seus e de mais ninguém. E nada nem ninguém mudaria essa situação. Nascidos nove meses depois da partida de Duane para Roma há quase quatro anos. Eram crianças adoráveis os seus bebés. Fran sempre se sentira algo só, sem irmãos, e apesar da relação fraternal com Claire, havia sempre alturas, como os Natais e outras festividades familiares, em que a amiga ia para casa dos avós ainda vivos, ao contrário dos de Fran, falecidos quando ela era ainda muito pequena e os africanos nem os chegara a conhecer, já que nunca haviam saído de Harare. Daí que os meninos foram desde muito cedo, para além de tudo, uma grande companhia, esperança, fonte de força e segurança quando se encontrava só e triste. Por vezes considerava-se idiota por ter levado tanto tempo a recuperar-se do fim do relacionamento com Duane. Mas na verdade sabia que sempre alimentara o sonho de que se casariam depois de findos os respectivos cursos. Culpava-se pela sua ingenuidade, afinal Duane nunca falava do futuro. Apenas quando ela insistisse, calando-se como sempre ou dizia friamente:

— Ainda somos novos, amor. Deixa isso para quando tivermos livres desta matéria toda. Dizia beijando-a em seguida,

sem nem imaginar que a indirectamente a enchia de esperança num futuro a dois. De facto eram respostas evasivas, mas dado que o laço que os unia parecia tão forte, nunca sequer pensou que talvez somente ela visse as coisas daquela maneira. Como aliás ficou provado mais tarde.

Tivera sempre dos pais um apoio incondicional, determinante para a sua recuperação. Compadeceram-se do seu infortúnio. E ela sabia que se tinham sentido responsáveis por não terem seguido o procedimento normal exigindo do rapaz uma conduta mais correcta.

— Já sabíamos que estavam juntos há algum tempo — referiu o pai na altura muito abalado pelo destino da sua única filha. A sua saúde debilitara-se devido ao desgosto. Quisera inclusive encontrar-lhe um noivo, que a honrasse e aos filhos que esperava. Porém Rosemarie fora contra e ao fim de muito conversarem decidiram eles mesmos apadrinhar os meninos. — Devíamos ter exigido que se casasse contigo.

— Sabes que as coisas não se passam assim nestes tempos, Papá.

— Então que ficassem noivos, pelo menos isso — referiu muito abalado. Era um homem de princípios rígidos. Casara-se com a mãe de Fran por amor, não fora fácil enfrentar os preconceitos e as dificuldades da época, mas a verdade era que o fizeram sempre unidos e assim permaneciam. Tiveram os seus altos e baixos, como em qualquer outro casal, mas o importante era que se amavam e respeitavam muito. E o fruto desse amor era Francine. Quiseram mais filhos, mas os problemas de saúde de Rosemarie não possibilitaram. Contudo foram e eram muito felizes com ela, a quem procuraram dar tudo do bom e de melhor. Custavas-lhe ver tanta promiscuidade e desrespeito, todo o descaso e falta de seriedade com que os jovens actualmente tratavam os sentimentos. Que deveria ser o mais precioso e importante nas suas vidas.

Porém depois que o convencera da vergonha que a faria passar e a humilhação a que eles próprios se exporiam ao deslocar-se à Itália, como era sua intenção, Fran conseguiu que os pais se acalmassem e daí em diante eram outra vez a família feliz e har-

moniosa que foram sempre. Acabando por “compactuar” mesmo sem se aperceberem com o omissão completa a Duane sobre a existência dos gémeos. Não se permitindo posteriores reflexões a esse respeito. Acreditando que ele jamais se importaria assim como não se tinha importado com ela.

John e Claire, tal como Joan e Vicky Chan, foram igualmente muito presentes nos momentos em que mais precisou. Claire prestes a dar à luz estivera sempre ao lado da amiga de toda a vida. Amava a amiga. Que mais uma vez demonstrava estar do seu lado.

— Mamã, posso ver que flores eram aquelas à porta? — perguntou Rapha, na sua voz infantil. Fran recordou que ainda não tinha descoberto mais aquele mistério. De quem seriam tais flores? *De Duane? Claro que não, idiota!* Deixou os meninos e caminhou rapidamente na direcção do hall da sua casinha de bonecas. A curiosidade era um defeito antigo, que começava agora a tomar conta de si.

Rosas. Vermelhas. Lindas flores, sem dúvida. Pensou. De quem seriam?

“Para uma Mulher forte e bela, rosas vermelhas.

Espero que gostes.

O meu convite para jantar mantém-se. Que tal amanhã às oito. Depois do expediente e quem sabe se os meninos fossem passar o fim de semana à casa de Claire. É só uma sugestão...

Às cinco para as oito passo a apanhar-te.

Um beijo”

Assinado: Don.

Donavan Autuori. Ou “o tal do Autuori”, como Duane o chamava nos tempos em que eram um casal. Sorriu para si, admirava-se que um pequeno cartão de flores fosse suficiente para uma mensagem tão longa. Só Don, ele e as suas façanhas. Pouco ou nada mudara desde os tempos de Salford. No entanto sabia bem o que aquilo representava.

— Mais uma dor de cabeça — pensou em voz alta. Há um tempo que Donavan lhe andava a fazer a corte. Estivera fora algum tempo após, o qual voltara a Manchester e se inteirara de que estava solteira, aproximando-se então. Tornaram-se sócios desde essa altura, davam-se bem profissionalmente e partilhavam uma amizade repleta de lembranças dos tempos da juventude. Era assim que pretendia manter as suas relações. Ignorava e acabava por não considerar sérias as suas insinuações. Porém de uns tempos para cá que se andava a mostrar mais insistente e explícito. Argumentava que Fran tinha que esquecer o passado, referindo-se indirectamente a Duane. E dar oportunidade ao futuro. Nesse caso, ele. *Pretensioso*. Pensava ela divertida. Não se sentia ainda capaz de dividir o seu espaço com ninguém, e os gémeos? Não os podia expor a nenhuma situação menos vantajosa e impensada. Era a única responsável por eles.

— Cuidaria dos três, Fran querida — dizia sempre que ela se mostrasse mais vulnerável, “baixando as suas defesas” por um instante que fosse, e alegava ter responsabilidades como mãe. Fran achara-o sempre um conquistador incorrigível. E apesar de obviamente atraente, interessante e com aquela figura latina, o pai era brasileiro, e uns modos muito *british* devido à educação que a mãe inglesa o inculcava, não estava apaixonada por ele. Apreciava a sua companhia, as crianças chamavam-no o “tio Don”. E tinham nele um bom companheiro de travessuras. De facto Don era uma criança grande, divertido e sempre animado, eram bons amigos e nada mais.

E vinha ele agora decidir o que devia fazer com os seus filhos. Não apreciou aquela atitude e dar-lhe-ia a conhecer. Ainda era ela que decidia os seus programas e se aceitava convites dele ou de quem quer que fosse ou não. Don começava a passar dos limites. Tinham que falar seriamente.

Estava bem como estava.

Sozinha.

Vivia para os meninos. Duane sempre sentira ciúmes de Don, recordou. Duane, Don. Don, Duane. Basta!

Era feliz assim. Concordava que poderia ser melhor. Mas havia quem nem tivesse o que ela já alcançara, filhos lindos e

saudáveis e uma profissão onde poder-se-ia considerar já incrivelmente bem-sucedida para os seus vinte e oito anos. Pelo menos já assegurara o futuro dos gémeos. Quantas pessoas se poderiam “gabar” de um feito assim?

Nem se atrevia a cogitar sobre por que motivos ainda se encontrava sozinha, sendo nova e bela, e ao fim de quase quatro anos depois da sua última relação.

Não podia perder tempo com tais pensamentos quando Duane estaria na cidade em poucas horas. A mensagem de Don acabara por lhe dar uma ideia. A saída possível para aquela situação no pouco tempo de que dispunha para agir.

Ao dirigir-se de volta para a cozinha, pedia intimamente para que os meninos colaborassem, a sua aceitação era fundamental para que tudo desse certo.

Iria pôr em prática o seu plano.